



Crónica

**Gonçalo M. Tavares**

# A Instituição que Organiza Quedas (IOQ)

**1** – Em primeiro lugar, deixe-me fazer o seguinte comentário. Um preâmbulo, permite-me?

– Claro, Avance.

– O facto de os seres humanos, até mesmo os mais belos, caírem em linha reta, de cima para baixo, como uma pedra, um saco de carne ou um animal raivoso, eis o que pode revoltar. Os homens belos deveriam cair como quem sobe, levita ou voa. Mas não. A lei de gravidade não tem em conta a estética: belo e feio não importa, o que importa é o peso. E isto é a crueldade e a indiferença no seu mais puro estado. Cinquenta quilos de belo caem da mesma forma, à mesma velocidade, e esborracham-se lá em baixo da mesma maneira que cinquenta quilos de pura e íntegra fealdade. Uma injustiça universal, não lhe parece?

**2** Mas claro que é permitido o baile enquanto se cai; pode um sujeito saber dançar e querer mostrá-lo – mas, de facto, talvez não seja o momento. Em vez de dançar, o sujeito pode, por exemplo, gritar. É, aliás, o que recomenda a Instituição que Organiza as Quedas (IOQ), instituição estatal. Uma liberdade e um direito de última hora: quem cai pode sempre gritar, à vontade, diz a Instituição que Organiza as Quedas. Ali até ensinam, veja bem, várias formas de grito. Gritos mais contidos, gritos mais desesperados, gritos indiferentes... enfim, há de tudo.

Gritar enquanto se cai; dizer as verdadinhas todas enquanto não se parte a cabeça com força contra o solo. Eis uma atividade de última hora, digamos assim. Mas está em franco crescimento.

Há mesmo quem defenda que se comece a gravar o conteúdo dos gritos dos sucessivos cidadãos que vão caindo. Uma forma de conservar a memória de um país. Questão de património, portanto.

Diga-se que a Instituição que Organiza as Quedas (IOQ) há muito ultrapassou, em termos de clientela, aquelas que organizam bodas de casamento, encontros rapidamente amorosos ou viagens para lá



*Cinquenta quilos de belo caem da mesma forma, à mesma velocidade e esborracham-se lá em baixo da mesma maneira que cinquenta quilos de pura e íntegra fealdade. Uma injustiça universal, não lhe parece?*

do Egito. E a coisa é assim relatada, em discurso direto, por um Organizador de Eventos de Quedas. É um procedimento como outro qualquer.

– É simples. Levamos um sujeito até à beira e depois empurramos.

Por vezes – acrescenta o organizador de eventos – deixamos que ele se empurre a si próprio. Ato que, diga-se, requer a divisão, pelo menos da personalidade, em dois. Aquele que empurra e, ao mesmo tempo, é empurrado. E para que tal aconteça é preciso conciliar duas coisas: grande velocidade e grande desânimo.

A Associação que Corta o Ânimo em Dois (ACAD). É a altura de falar dela. Depois de cortar em dois, corta de novo em dois, e assim sucessivamente.

– Está ali sentado um sujeito com um certo ânimo, digamos. Chega a Associação que Corta o Ânimo em Dois e zás!

– Zás?

– Zás: corta-lhe o ânimo em dois.

O sujeito continua sentado, a fazer a mesma coisa, mas agora com menos ânimo. Digamos: com exatamente metade do ânimo.

Mas a Associação que Corta o Ânimo em Dois (ACAD) continua por ali, em redor do sujeito que não pediu para ser ajudado, mas há muito o merece. Pois bem, a Associação que Corta o Ânimo em Dois continua o seu trabalho: o sujeito fica com metade de metade, e depois de novo, com metade de metade de metade e etc. etc. e, no fim, no término da atividade da Associação que Corta o Ânimo em Dois ali está o sujeito feito em papa, digamos, para usar uma terminologia quase técnica, feito em farrapos e etc., com o ânimo de uma plant verde, das pequenas.

Pois bem. A coisa é assim, entende? Primeiro, avança a Associação que Corta o Ânimo em Dois.

E depois, sim, a Instituição que Organiza as Quedas.

É um processo que resolve os problemas em dois tempos, digamos. Um, dois.

No fim, é só recolher os corpos e endireitar a estatística.

Um terceiro passo, portanto. ■